

## **Mundial feminino 2019:**

### **A Reconfiguração Do Campo Esportivo No Brasil Pós Golpe de 2016.<sup>12</sup>**

Tiago Sales de Lima Figueiredo- PPGA-UFF/RJ

**Palavras-Chave:** Futebol Feminino. Nacionalismo. Copa do Mundo

#### **Apresentação**

Em seu último artigo, Simoni Guedes junto a Edilson Marcio Silva (2019) demonstram como que no decorrer da história brasileira os símbolos pátrios como a bandeira, hino e as cores verde e amarelo entraram nas disputas políticas e morais. Ainda nesse texto os autores relatam que torcedores brasileiros jogaram fora suas camisas da seleção nacional, pois estas remeteriam ao fascismo bolsonarista. O artigo lança a pergunta se o abandono do símbolo pátrio seria uma ideia profícua. Tendo como ponto de partida esse questionamento, pretendo demonstrar como essa reconfiguração dos símbolos pátrios desloca a seleção de futebol feminina para o centro das atenções do polo progressista brasileiro.

#### **Metodologia**

Optei por uma análise situacional da Copa do Mundo de Mulheres de 2019 que ocorreu na França. A escolha metodológica de uma análise situacional, da maneira proposta Max Gluckman (2010), tem como objetivo revelar conflitos estruturais. A situação social, da maneira apresentada pelo autor, pode ser definida como situações ou condutas individuais de membros de uma comunidade, que são ponderadas e postas em comparação com distintos contextos. “A análise desse ponto de vista revela um sistema de relações subjacentes entre estrutura social da comunidade, as partes de estrutura social, o meio, ambiente físico e a vida fisiológica dos membros da comunidade.” (GLUCKMAN, 2010, p.238).

Gluckman sugere que os conflitos geram estabilidade em uma sociedade. Os conflitos são resolvidos por mudanças nas partes constituintes e concretas do sistema. Desse modo, a análise do autor perpassa pelos períodos de estabilidade relativa, junto com as causas e os processos por meio dos quais os conflitos se desenvolvem e as

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

circunstâncias que o precederam. Já quando o conflito não se resolve de maneira em que a sociedade volte ao seu equilíbrio original, isso produz mudanças nos padrões e nas partes. Cada ajustamento engendra outros conflitos entre partes persistentes e emergentes dentro de um novo padrão. Assim, o processo social, isto é, a transformação da sociedade, está ligada há uma relação entre conflito e estabilidade, em que o primeiro é imprescindível para que haja o segundo.

Justamente observar um evento específico na sociedade nos ajuda a entender como os conflitos engendrados podem apontar para mudanças nas estruturas sociais. Mas as relações sociais no século XXI não estão marcadas como naquela época de Gluckman. É inegável a revolução que os dispositivos sociotécnicos, como smartphones e a internet fizeram com a nossa forma de se comunicar. As redes sociais criaram lógicas próprias para que as pessoas se expressem. A expansão da cognição humana não pode ficar de fora de uma análise sociológica. Nesse sentido, se propõe aqui entender esses conflitos a partir das lógicas criadas pelas *hashtags* e *Trends*<sup>3</sup> do Twitter.

*Hashtag* foi uma ferramenta inicialmente utilizada pela rede social Twitter para criar palavras-chaves de modo organizativo. Quando uma pessoa usa alguma expressão precedida da cerquilha representada pelo símbolo “#” acaba se conectando a outros usuários que utilizaram os mesmos termos. Durante o período da Copa do Mundo feminina de 2019 na França acompanhei como algumas @(contas do Twitter) que comentavam subindo # específicas sobre o evento, tais como. #copadomundofeminina, #nossasguerreiras, #copafemininja.

O problema de acompanhar as *hashtags* pela minha própria conta do Twitter é que os algoritmos não mostram todo o conteúdo que publicam a partir dessas etiquetas. Ainda Cheney-Lippold (2011) aponta para a capacidade dos algoritmos de definir as interseccionalidades identitárias e ao mesmo tempo esvaziar o sentido político dessas identidades. A inteligência artificial que organiza aquela Rede Social entende que para me manter mais tempo ali eu preciso ver conteúdos que se assemelham a minha performance algorítmica (Cheney-Lippold, 2011), isto é, com quais tipos de perfis eu interajo, sigo e retuito. Logo, postagens de contas de direita que por ventura poderiam usar essas # eram mais difíceis aparecer para mim.

3 Especie de ranqueamento das *hashtags* mais comentadas da plataforma durante um curto período de tempo.

Para abarcar visões diferentes baseando-me nos trabalhos recentes sobre as Olimpíadas 2016 usando o Twitter como lugar de observação (ZILLER, D'ANDREA *et.al* 2016), tentei usar ferramentas que analisam de maneira mais ampla as *hashtags* tais como *Twitter Capture and Analysis Toolset (TCAT-DMI)* (BORRA; RIEDER, 2014), e *hashtagify.me/*. Desse modo, para completar os dados faltantes, analisei como alguns jornais noticiavam os eventos da Copa do Mundo. Foquei-me principalmente nas publicações do jornal independente Mídia Ninja, pois, como demonstrarei mais adiante, me chamou a atenção eles terem feito uma cobertura do evento.

## **A Construção Do Problema**

Guedes e Silva(2019) demonstram como se inventaram os símbolos pátrios relacionados a bandeira da república e o hino do Brasil. Junto a criação desses símbolos nacionais, existe um processo de sacralização dos mesmos. Isso significa que a bandeira precisa respeitar determinados padrões de tamanho e uso. Por exemplo, enrolar-se com a bandeira é um crime segundo o art 44º do decreto-lei nº 898 de 29 de setembro de 1969. Assim como a execução do hino deve ser “(...) em andamento metronômico de uma semínima igual a 120” e que “é obrigatória a tonalidade si bemol para a execução instrumental simples” (LUZ,2005). Isso significa que as representações do país não podem ser profanadas (cf. DOUGLAS, 1991) e precisam respeitar regras restritas. A questão da invenção é porque o país tinha outro hino e outra bandeira nos tempos de império, logo temos a invenção de uma tradição(HOBSBAWN,1984) formalmente institucionalizada. A manipulação dos símbolos costuma assumir maior visibilidade em tempos de governos ditatoriais. Assim nossos autores apontam como o primeiro sequestro da verde amarela o golpe de 1964

Se, por um lado, os militares apresentavam um discurso segundo o qual o hino, a bandeira e as cores verde e amarelo pertenciam ao povo brasileiro (que, por conseguinte, deveria fazer todos os sacrifícios eventualmente necessários em nome da Nação), por outro, na prática, eram eles que definiam, conforme o seu entendimento, quando, onde, como e por quê os símbolos oficiais deveriam ser acionados, estipulando, inclusive, a aplicação de penalidades nos casos de infração à lei. Essa indefinição acerca do pertencimento dos símbolos pátrios (afinal, seriam eles do Estado ou da Nação?) ensejou o que identificamos aqui como o primeiro sequestro do verde e amarelo.(GUEDES & SILVA, 2019, p 5)

Na época, o governo autoritário criou estratégias de modo a gerar uma emoção coletiva que criasse a noção de povo brasileiro. Nesse sentido o general Medici investiu fortemente na identificação com a seleção de futebol brasileira na Copa do Mundo de

1970, direcionando esforços para a criação de uma ciência desportiva para auxiliar no treinamento daquele time. Embora o futebol fosse popular desde antes do tricampeonato conquistado naquela ocasião, a ditadura militar conseguiu construir um novo sentido de nação quando trouxeram a taça do mundo para o Brasil. Essa vitória, conseqüentemente ocasionou certo apaziguamento dos ânimos da população contra o regime.

Cabe destacar, como sinala Guedes e Gastaldo (2006) a seleção brasileira ganhou moldes metonímicos de povo já no mundial da FIFA de 1938. Um dado curioso que vale a pena trazer nessa discussão é que o selecionado da CBF usava camiseta branca até a copa de 1950, ocasião que os cronistas do esporte relatam como o grande vexame da história do futebol nacional. Após essa derrota a seleção brasileira aposentou a camiseta branca e assumiu as cores da bandeira.

Além dos aspectos futebolísticos em 1970 foi também um marco, pois os símbolos pátrios começavam a ser apropriados pelo povo de forma improvisada e fora do contexto sagrado.

A bandeira nacional, que só podia ser tocada, manuseada ou exposta dentro das rígidas regras estabelecidas em decretos, podia agora ser enrolada nos corpos dos torcedores, ornamentar camisas, calças, roupas de banho.( GUEDES & SILVA,2019)

A Copa do Mundo assume o caráter de fato social total no Brasil. A cada quatro anos o cotidiano era regido por esse evento. Os serviços públicos, bem como transportes, bancos e escolas, por exemplo, adaptam seus horários em função dos jogos da seleção.

Já no final do século XX essa associação direta entre povo e selecionado masculino da CBF começou a perder força. Guedes (2013) demonstra como a mercantilização dos jogadores e a consolidação de um mercado promissor aos futebolistas na Europa fez o perfil da seleção mudar. Conseqüentemente, os torcedores brasileiros começaram a qualificar os jogadores como mercenários. Uma vez que a maioria da seleção jogava na Europa eles eram acusados de perderem o amor à camisa e a pátria. Por conseguinte, isso gerou certo afastamento entre a seleção da CBF e o povo. Isso não significou imediatamente que o futebol tenha perdido apoio popular ou que a Copa do Mundo deixasse de ser um evento que paralisasse o país. Mesmo assim a camisa da CBF continuou a representar algum resquício de identidade nacional dos brasileiros.

Foi então que nas manifestações de 2013 os símbolos pátrios, bandeira nacional, hino e camisa da CBF entraram em disputa ocasionando no início na cisão das representações do povo brasileiro. Na época, as cores vermelhas do Partido dos Trabalhadores foram confrontadas às cores tradicionais da bandeira. Logo o partido que governava o Brasil foi acusado de não respeitar as instituições nacionais. Os protestos que começaram pelo aumento da passagem cresceram e se tornaram um movimento heterogêneo com diversas pautas distintas tais como anticorrupção, ou contra os Megaeventos. Como bem mostra o documentário “Democracia em Vertigem” de 2019, Pessoas com a camisa da CBF gritavam nas ruas: ‘o povo unido aqui é sem partido’.

Esses eventos abalaram estruturalmente o país e em 2016 começou um processo que ocasionou a destituição da presidente Dilma Rouseff. Nessa ocasião novos protestos surgiram, de um lado os que eram contra a retirada da chefe de Estado alegando ser um golpe à democracia, e de outro lado, vestidos de verde e amarelo os que apoiavam o *impeachment*. Juntamente às manifestações essa polarização era categorizada ganhando novas representações: mortadelas, comunistas e coxinhas, conservadores.

Nas eleições de 2018 as tensões geradas em 2013 se colocaram de novo em evidência e deixando clara a polarização brasileira entre PT e antiPT. É claro que dentro desse espectro havia sua heterogeneidade, nem todos considerados petistas e comunistas de fato eram. Porém nas eleições de 2018 setores da esquerda que outrora eram críticos a gestão liberal, nacional-desenvolvimentista da era Lula-Dilma, como os que se autodeclaravam comunistas, anarquistas e socialistas se uniram no segundo turno das eleições contra algo que para eles era muito pior que a social democracia petista, o fascismo bolsonarista.

Um país de proporções continentais que se homogeneizava quadrienalmente por conta da Copa do Mundo de futebol, em que se pintavam as ruas com as cores da bandeira, entoava e aplaudia o hino nacional se vê fragmentado, e pouco a pouco o verde e amarelo sendo usurpado por uma parcela da população com valores protonacionalistas. Nesse ínterim, entre as primeiras manifestações de junho de 2013 até a ascensão do fascismo bolsonarista em 2018, tivemos a Copa do Mundo de 2014 no Brasil em que a seleção passou pela maior vergonha de sua história perdendo de 7x1 para a Alemanha. Tal derrota gerou a expressão “todo dia um 7x1 diferente” que remete a vergonhas internacionais que o país passa por conta dos seus atrasos civilizacionais e também de uso corriqueiro, para expressar um sentimento de derrotas cotidianas.

O amor à camisa dos jogadores voltou a ser questionado. Ainda em 2013, um dos jogadores brasileiros mais importantes internacionalmente, Ronaldo “Fenômeno” defendendo a Copa do Mundo no Brasil declarou “Não se faz copa do mundo com hospital”. Apesar de que tal fala está inserida em um contexto mais amplo, ela gerou enorme descontentamento da população. Aumentando os questionamentos sobre os jogadores estarem destacados da realidade brasileira. Paralelamente a isso vem aumentando a visibilidade do futebol feminino, muito por conta de investimentos da FIFA nesta direção e pela imagem da jogadora Marta Vieira.



**Figura 1:** foto viral na época das Olimpíadas de 2016. O país traumatizado com o péssimo desempenho da seleção masculina de futebol. A seleção masculina começou com uma atuação medíocre enquanto a das mulheres começou as olimpíadas muito bem. Apesar de no final os homens ganharem o ouro e as mulheres perderem, o valor simbólico dessa imagem, principalmente após o 7x1 é muito forte.

É inegável que Marta Vieira é um fenômeno esportivo destas duas primeiras décadas do século XXI. Ao mesmo tempo, o futebol ficou cada vez mais comum entre meninas. Nos recreios das instituições de ensino e em escolinhas de futebol/futsal garotas começavam a disputar espaço com os meninos com mais frequência, bem como a incidência de times femininos também começara a aumentar. Entretanto, os estigmas relacionados à prática feminina desse esporte não se dissociaram por completo da homossexualidade. Por outro lado essa associação tem ganhado outro significado. Se em um primeiro momento era um tabu, nos últimos anos isso tem significado representatividade, visibilização e normatização da lesbiandade<sup>4</sup>. Enquanto a

4 Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/22/deportes/1561209574\\_309053.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/22/deportes/1561209574_309053.html)

homossexualidade ainda é um tabu para o futebol dos homens, as manchetes dos jornais tratavam as relações entre mulheres jogadoras como exemplo de histórias de amor. Nos cadernos esportivos de jornais de maior tiragem como *O Globo* ou *Folha de São Paulo*, costumava-se vincular notícias sobre meninas futebolistas à imagem da jogadora Marta, ou que o sonho da garota era ser igual, conhecê-la ou ter algum artefato da jogadora ícone do esporte no mundo.

Marta, nesse sentido, parece estimular narrativas de histórias de vida para que assim, meninas tenham a possibilidade de realizar o sonho de um dia ter projeção nacional e, até mesmo, internacional, como jogadoras. As mudanças de posições da FIFA em relação ao futebol feminino levaram à criação do prêmio anual de melhor jogadora mundial, com o qual Marta foi agraciada seis vezes. É extraordinário que uma jogadora oriunda de um contexto esportivo precário e amador tenha atingido tal posição de destaque. Isto é, a partir de que momento uma esportista, em um país que não investe na categoria feminina, é capaz de construir uma rede de relações para migrar a um país em que pudesse desenvolver suas habilidades e se tornar um “gênio” inventivo do esporte, consequentemente atualizando os valores das estruturas sociais (ELIAS, 1995)?

Indo mais além na história do futebol feminino no Brasil, como demonstra o historiador brasileiro Fábio Franzini (2005) os primeiros intentos a fim de se formar um campeonato “do esporte bretão” feminino foi duramente criticado pela sociedade brasileira nos anos 1930 e 1940, chegando à proibição no período da ditadura militar. Penso que tal “preocupação” está relacionada diretamente com o papel social destinado às mulheres naquele contexto histórico, o que mudou com a revolução pós-industrial, quando foram outorgados novos papéis sociais às mulheres. Franzini (2005) sugere que o corpo era uma questão de Estado no período em que estava em voga o discurso eugênico também pelo regime político autoritário em meados do século XX (FRANZINI, 2005).

À mulher caberia, entre outras obrigações, contribuir de forma decisiva com o fortalecimento da nação e o depuramento da raça gerando filhos saudáveis, algo que, pensava-se, só seria alcançado se a mulher preservasse sua própria saúde. Se esta condição não excluía a prática de esportes, é certo que nem todo esporte a ela se adequava. (FRANZINI, 2005, p. 321)

O autor parece situar os discursos estatais sobre os corpos como um dos elementos da preservação de papéis sociais estabelecidos rigidamente. Logo, o futebol feminino representava uma subversão aos padrões morais da sociedade brasileira da época. O que parece deixar escapar a Franzini é que os corpos não deixaram de ser controlados em um Estado de, suposta, tradição democrática.

Na década de 1960 o futebol feminino e outros esportes foram, não só proibidos, como a prática transformou-se em ato criminoso, sujeito a reclusão. As autoridades da época alegavam que o futebol era demasiado violento e seria prejudicial para as mulheres, causando problemas de infertilidade e deformação do corpo.

A legislação, do mesmo modo que os especialistas, contribuiu para que o processo de entrada da mulher no esporte mais praticado no país se desse apenas no final da década de 80. De acordo com Castellani Filho (1991) durante a ditadura militar o CND (Conselho Nacional de Desporto), através da resolução número 7/65, proibiu as mulheres de praticarem lutas, futebol, pólo aquático, pólo, rugby e baseball. Somente em 1986 o CND reconheceu a necessidade de estímulo à participação das mulheres nas diversas modalidades esportivas do país. (DARIDO, 2002)

As opiniões dos especialistas em esporte da época corroboravam com a lei, argumentando que o futebol está posto para desenvolver características que não se queriam em uma mulher.

Ballariny (conforme citado por Faria Jr. 1995) argumentou que o futebol é um desporto violento e prejudicial ao organismo não habituado a esses grandes esforços. Além disso, provoca congestões e traumatismos pélvicos de ação nefasta para os órgãos femininos. O mesmo autor ressalta que a prática do futebol pelas mulheres proporciona um antiestático e desproporcional desenvolvimento dos membros inferiores, por exemplo, tornozelos rechonchudos, pernas grossas arqueadas e joelhos deformados. (DARIDO, 2002)

Legalmente o futebol feminino só deu início na década de 1980. No Rio de Janeiro houve alguns campeonatos de futebol de areia e soçaite patrocinado pela iniciativa privada, tendo certo grau de aceitação do público. O time que teve mais destaque no cenário nacional e internacional foi o Radar que conquistou o “Women Cup Of Spain” em 1982. Esse título parece ter despertado a atenção das mulheres para dentro dos campos, tendo a CBF atingido o número de duas mil mulheres confederadas no ano de 1987. Porém essa ascensão não deu seguimento e 1988 dissolveu-se o time Radar e o futebol feminino ficou um pouco esquecido, retornando apenas em 1991 para



participar do primeiro mundial realizado na China, com a seleção brasileira alcançando o terceiro lugar.

Neste século a categoria feminina ganhou um novo fôlego com a medalha de ouro nos jogos Pan-americano do ano de 2003, 2007 e 2015 medalha de prata nas olimpíadas de 2004 e 2008 e o inédito segundo lugar na copa do mundo da China em 2007. A mídia especializada da época frisava o fato desse time ter logrado conquistas importantes sem ser profissionalizado, frisando a garra das “meninas do futebol” em contraste com os mercenários do futebol masculino. O que ainda foi destacado pelos torcedores progressistas na Copa do Mundo de 2019.

## **#ACopadoMundoDaFIFA**

De 1991 até 2019 foram oito mundiais de futebol de mulheres. Paulatinamente a FIFA vem induzindo as Federações membros a investirem na categoria. Desde 1996 todas as Confederações deveriam ter uma seleção feminina. A partir de 2016(FIGUEIREDO, 2017; ALMEIDA, 2018), nenhum clube poderia disputar uma competição internacional se não tivesse também uma equipe de mulheres. No cenário internacional existem diversas instituições que aplicam seus esforços em promover a igualdade de gênero. Um dos grandes lugares que estão nessa disputa é justamente o esporte. A ONU na sua Agenda 2030 Para Um Desenvolvimento Sustentável também aponta para a importância de investimentos no empoderamento feminino e igualdade de gênero. Uma ferramenta prevista pelas Nações Unidas é justamente trabalhar o empoderamento a partir do futebol. Com esse objetivo, em 2018, a futebolista Marta Vieira foi nomeada embaixadora da ONU-Mulheres para promoção da igualdade de gênero. A atleta brasileira foi nomeada por ser um exemplo de superação e a proposta do seu trabalho é vencer os estereótipos de mulheres frágeis além de servir de inspiração para demais mulheres e meninas ao redor do mundo<sup>5</sup>. Notem que o discurso da representatividade é muito presente nessa nomeação.

Dentro desse cenário internacional em que apontam para um desenvolvimento de um mundo mais igualitário se realizou a Oitava Copa Do Mundo Da FIFA. Diferentemente das anteriores, esse evento ocorrido na França foi o que obteve maior

<sup>5</sup> Disponível em <https://nacoesunidas.org/onu-mulheres-anuncia-jogadora-marta-como-embaixadora-global-da-boa-vontade/> acesso 15/08/2019

audiência no mundo. Pessoas compartilhavam nas suas Redes Sociais fotos em bares vendo as partidas. Também foi o que teve maior público, maior divulgação, patrocínio e no caso brasileiro, foi a primeira vez que se transmitiu pela rede Globo, gigante da comunicação brasileira. Cabe frisar que esse interesse desinteressado faz parte das estratégias de expandir o mercado da empresa que detêm o monopólio do maior megaevento do mundo, a FIFA.

Essas estratégias divulgadas recentemente pela secretária geral da FIFA, Fatma Samoura, explica que o futebol feminino será prioridade para os próximos anos como parte de um plano global, para tal baseia-se em cinco pontos principais. 1- desenvolvimento e crescimento dentro e fora dos campos. 2- Melhorar o nível das competições femininas ao redor do mundo. 3 – Comunicar, comercializar, divulgar e valorizar o esporte de mulheres, com produtos específicos a categoria. 4- Buscar equilíbrio entre igualdade de gênero e liderança. Isso significa investir em criação de cargos de comando para mulheres, como diretoras técnicas. 5 -Educar e empoderar meninas e construir capacidade técnica e conhecimento acerca do esporte.<sup>6</sup>

Voltando ao Brasil de 2019, com um presidente que representa tudo ao contrário que as organizações ocidentais supracitadas mais relevantes do mundo pleiteiam para as próximas décadas, além do Mundial Feminino tínhamos também a Copa América masculina, porém esta realizada em solo tupiniquim. Nesse cenário polarizado não só por ideologias políticas, mas também pelo futebol, Neymar Jr. o camisa 10 da seleção, declarou apoio a Bolsonaro, foi acusado de sonegar impostos e de estupro. Vale ressaltar que a camisa 10 no futebol brasileiro, conforme argumenta Martins (2017), é a figura que carrega maior capital simbólico no esporte. É um jogador no meio de campo que a conexão entre o meio e o ataque. São os jogadores de maior prestígio, conseqüentemente o peso da camisa 10 é enorme e dentro da lógica dos torcedores de futebol é uma camisa que precisa ser honrada. Coincidentemente, Neymar se lesionou, não jogou o torneio, ficando alguns meses desaparecido da mídia. Os brasileiros mais alinhados a esquerda sentiam-se envergonhado de usar a camiseta da seleção, primeiramente por estar associada ao “*fora Dilma*” e segundo pelos jogadores que não tinham amor à camisa.

6 Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/fifa-lanca-estrategia-global-para-desenvolvimento-do-futebol-feminino.ghtml> último acesso em: 15/08/2019



**Figura 2 torcedora que postou no Instagram uma foto especificando o motivo de estar usando a camisa da CBF.**

Os escândalos envolvendo o jogador brasileiro revela outra fissura nas representações da sociedade brasileira no que concernem os quesitos morais. Enquanto os progressistas, ou mortadelas estão mais alinhados a Agenda 2030 para um Desenvolvimento Sustentável da ONU o qual posso enumerar como políticas de igualdade de gênero, empoderamento feminino, visibilidades de minorias étnicas e LGBTTQ+ e questões de preservação do meio ambiente. Os conservadores ou coxinhas estão diametralmente opostos a essa perspectiva. Nesse sentido, em tempos de acirramentos ideológicos Neymar Jr. também se constitui sendo o pólo oposto a Marta Vieira.

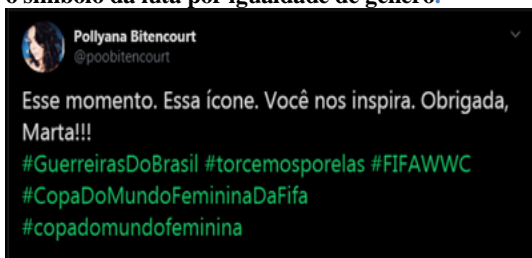
Trouxe esse ponto porque nas *hashtags* analisadas a também camisa 10 da seleção, diversas vezes era posta em comparação com jogadores. Pelé de saias, ou Marta melhor que Neymar e Messi. De fato a artilheira em 2019, se tornou a maior goleadora de todas as Copas da FIFA superando o recorde do jogador alemão Miroslav Klose. Os comentários relacionados a *#Marta*, *#Copafemininja* giram em torno da comparação com o futebol masculino. A ideia que circula nesses hipertextos é a de que o contexto das jogadoras são de atletas com salários baixos em relação aos homens, porém jogam com muito mais garra e amor à camisa a ponto de conseguir essa marca histórica.

Marcado por uma disputa de legitimidade no campo político e esportivo, o futebol praticado por mulheres está se caracterizando pelas jogadoras assumirem seu papel nas lutas identitárias. Marta, por exemplo, recusou o acordo para renovar o patrocínio da chuteira alegando que o valor era muito inferior ao que a marca oferecia para um homem. Como protesto ela costurou o símbolo da ONU para a promoção da igualdade de gênero em cima da marca. Quando fez seu gol de estreia no campeonato na

sua comemoração apontou para a chuteira dedicando aquele gol a luta por igualdade de direitos entre homens e mulheres.



**Figura 3** Marta com sua chuteira estilizada com o símbolo da luta por igualdade de gênero.



**Figura 4** Uma das milhares de mensagens de apoio a jogadora brasileira compartilhada através da hashtag.

Outro ponto a se destacar na performance da nossa jogadora símbolo foi o uso de batom durante os jogos. Patrocinada pela empresa de cosmético, Avon, o uso de um batom que não sai com suor trouxe também elementos de feminilidade para um esporte acusado de masculinizar os corpos.

O Brasil perdeu pra França nas oitavas de Final. Como dizia a saudosa Simoni Guedes “no Brasil existe dois esportes: futebol [de homens] e aquele que está ganhando”. Esse segundo esporte preferidos pelos brasileiros já foi tênis quando Gustavo Kirsten estava na melhor forma, já foi MMA nos tempos de Anderson Silva como também ocupou esse lugar a formula 1 na época do Ayrton Senna. A seleção de mulheres ainda não atingiu esse status de segundo esporte nacional, pois ainda não conseguiu ganhar um título relevante. Apesar de ser heptacampeã da Copa América parece que a categoria feminina do futebol ganha relevância não apenas como um esporte que está em uma boa fase, mas como um lugar político a se disputar.



No Tuite acima vemos Megan Rapinoe jogadora do país com futebol feminino mais bem desenvolvido do mundo e ganhador da Copa do Mundo de 2019, alcançando, dessa forma, o tetracampeonato. Ela se destaca além, de ser uma reconhecida futebolista, por ser ativista dos direitos LBTTQ+ e ser declaradamente contra o presidente dos EUA, Donald Trump. Nos próximos parágrafos tentarei demonstrar como o futebol feminino é captado pela esquerda brasileira de maneira mais explícita.

**#copafemininja.**



**Figura 5 Promoção da mídia Ninja sobre a Copa do Mundo de 2019**

A Mídia Ninja nasce no mesmo ano em que começaram as manifestações que mudariam o cenário político brasileiro. Enquanto a mídia tradicional tentava incriminar os movimentos sociais que se manifestavam democraticamente nas passeatas de junho de 2013 a Mídia Ninja trazia o outro lado. Imagens ao vivo das manifestações. Uma proposta de um jornalismo itinerante e independente expressa na sigla N.I.N.J.A Jornalismo Independente e Narrativas de Ação.

Uma das características principais da atuação desse grupo são as reportagens feitas pela câmera dos smartphones. É no mínimo curioso que no último ano essa página tenha assumido a missão de divulgar o esporte feminino. Vemos na imagem acima a chamada para a Copa do Mundo com apropriação da célebre frase de Marx e Engels no Manifesto Comunista

“trabalhadores do mundo uni-vos”. O que é muito acertado visto que as jogadoras também pertencem à classe trabalhadora.

A copa do mundo foi coberta por mulheres. A inquietação, segundo a página do grupo, surgiu em 2018 quando se dão conta de que não havia comentaristas mulheres na Copa Masculina de 2018. A partir desse questionamento surgiu o “onde estão as mulheres no esporte?”. Foi então que decidiram ocupar esses espaços com comunicadoras cobrindo eventos esportivos femininos. Cabe frisar que desde criação do coletivo, o primeiro evento esportivo que elas cobrem foi a Copa do Mundo da França, o que marca um momento histórico da visibilização do esporte. Desde então o site tem acompanhado os jogos das categorias femininas do Pan. O esporte feminino é atravessado e respaldado pelo discurso de empoderamento feminino e da despatrialização dos espaços públicos.

\*\*\*

Mauss e Durkheim (1981), a partir de um esforço de conjugar o erudito teórico com o saber do trabalho etnográfico, afirmam que nem todo sistema classificatório deriva de princípios meramente racionais, pois classificar envolve também uma afetividade humana.

O que caracteriza as referidas classificações é que as ideias estão nelas organizadas de acordo com o modelo fornecido pela sociedade. Mas desde que essa organização da mentalidade coletiva exista, ela é suscetível de reagir à sua causa e de contribuir para modificá-la. As classificações totêmicas—tais como no caso brasileiro, coxinhas e mortadelas; bolsominions e petistas; conservadores e progressistas—não são relações lógicas entre coisas que fornecem base às relações sociais como argumenta Frazer “os homens classificaram as coisas porque estavam divididos em clãs.” Durkheim e Mauss (1981) entendem que os indivíduos classificam segundo afinidades (ibid, p201) coletivas. Em outras palavras, as coisas, antes do que quer que seja, são sagradas ou profanas, puras ou impuras, amigas ou inimigas; favoráveis ou desfavoráveis, isto é, seus caracteres fundamentais não fazem mais do que exprimir a maneira pela qual elas afetam a sensibilidade social. Por isso, impactam diferentemente os sentimentos dos grupos, que de certo modo, mudam de natureza segundo as sociedades.

Seguindo por essa linha Mary Douglas(1966), demonstra como a noção de “pureza” norteadas pela religião constrói classificações nas sociedades. As dicotomias: puro e impuro; sagrado e profano são elementos construtores de um corpo para as identidades sociais que por sua vez se expressam na incorporação de um sistema simbólico através do ritual e variam dependendo do contexto.

“(…) Nosso comportamento de poluição é a reação que condena qualquer objeto ou ideia capaz de confundir ou contradizer classificações ideias.” (DOUGLAS, 1966 pp50-51). O impuro é aquilo que não pode ser incluído, o que é necessário ser extirpado por ser conflituoso com a ordem. Assim se explica a necessidade dos conservadores em dizer “minha bandeira jamais será vermelha”, pois essa cor traz a noção de poluição, não só pelo símbolo cromático (c.f TURNER, 2005), mas também pela construção social que remete ao comunismo. Como bem lembram Guedes e Silva (2019) desde a era Vargas a ideia de expurgar os vermelhos— comunistas— está presente nos processos de golpe de Estado no Brasil. O vermelho, nesse sentido se constrói como categoria de acusação(GUEDES & SILVA, 2019, p11) nas representações do senso comum conservador. Da mesma forma como o termo *bolsominion* é usado como categoria de acusação entre progressistas.

Esse sistema de classificação entre puro e impuro nos ajuda a pensar como se configura as percepções de certo e errado, ético e antiético nas novas conformações morais da sociedade brasileira. Por exemplo, como foram debatidas as polêmicas envolvendo o jogador Neymar Jr., principalmente a acusação de estupro que também foi marcada pela polarização nas Redes Sociais. De um lado os que defendiam o jogador alegando que Najila Trindade queria extorquir o jogador e do outro os que a defendiam a partir do argumento que a palavra da mulher foi desacreditada devido às estruturas opressoras do patriarcado. Essa discussão entra em disputa a classificação do termo estupro: até quando o sexo é consentido e quando ele passa a ser violência sexual? Novamente as polarizações através das categorias de acusação bolsominion(cozinha), esquerdista(mortadela) voltam a ordenar aquele sistema simbólico. Respectivamente, os que entendiam que as mulheres “às vezes provocam” ou merecem ser estupradas e de outro os que trazem o entendimento que a prática sexual se torna violência sexual a partir do momento que a mulher diz não e o parceiro continua. Interessante que uma das coisas frisadas nesse evento foi associar Neymar ao nome de Bolsonaro.

Mais uma vez a seleção feminina entra em cena para contrapor moralmente os mercenários do futebol masculino. Nesse sentido, as reportagens como a do *el país*, “*as jogadoras se orgulham da sua história de amor*” em que se constrói uma narrativa do surgimento de um amor romântico, idílico e harmônico contrasta com a corrosão do caráter dos jogadores homens. Esse conflito parece apontar para uma insustentabilidade de sentir-se pertencendo a lógica que permeia a vida luxuosa e destacada da realidade dos jogadores da seleção.

Retomando a Douglas(1966) afirma que “Quanto mais nos aprofundamos nestas regras e em outras similares, mais óbvio se torna que estamos estudando sistemas simbólicos”(ibid, p.49). Os símbolos dentro desse sistema, por sua vez, como atesta Turner, orientam a ação dos rituais. Além disso, os símbolos condensam os significados e controla parte da performance ritual. Os sujeitos nesse sentido, para Turner, estão sujeitados a performance que por sua vez estão sendo mediadas pelo conflito simbólico. O conflito simbólico está norteado aqui pelos princípios iluministas versos uma ideia de barbárie, de um processo incivilizatório.

O espetáculo do futebol, assim como o carnaval é uma festa popular e é um ritual nacional. Bakhtin (1996) associa os eventos carnavalescos ao realismo grotesco por ser representados pelas contradições e ambiguidade. Para Douglas (1966) Existem maneiras diversas de encarar as anomalias, pode-se ignorá-las deixando as imperceptíveis, ou podemos notá-las e julgá-las de maneira negativa. Positivamente, é possível comparar as distintas anomalias no intuito de criar um novo padrão de classificação pessoal. Para Damatta(1979) concordando com Turner esses eventos são formas de se ver a estrutura da sociedade de maneira inversa. Pois a partir da representação grotesca da mesma, se percebe as hierarquias que em muitos casos estão ocultas.

Os rituais tratados no presente texto expressam um momento de ruptura das estruturas sociais, um estado de comunitas. Como nos sugere Gluckman (2011) os rituais de rebelião de fato servem para retomar a ordem social. Se pensarmos na história da democracia recente, a polarização entre PT e PSDB era um jogo entre dois pólos da socialdemocracia que entravam em disputa ritual a cada eleição, porém sem alterar as estruturas sociais. Foi então que no segundo governo de Lula da Silva algumas políticas sociais que não só ameaçaram a estruturação da sociedade, como a reconfigurou. Nesse sentido as manifestações de 2013 que culmina no golpe de 2016 é uma tentativa—que a meu ver foi frustrada— de retomar a ordem estrutural original. Como bem salienta Leach(1996) as mudanças importantes são as estruturais, isto é, as mudanças da forma de governar e não de governante.

Por outro lado, como afirmava Simoni Guedes em nossas conversas existe um processo de futebolização da sociedade brasileira. As paixões políticas se igualam as paixões futebolísticas. Logo, as mudanças nas estruturas sociais podem ser observadas na maneira que o futebol feminino vem ganhando espaço na sociedade brasileira.



## **Considerações Finais**

Esse texto teve por objetivo demonstrar as tensões envolvidas as manifestações de junho de 2013 como parte de um processo de mudanças nas estruturas sociais brasileiras e uma reconfiguração do campo esportivo (BOURDIEU, 1986).

Apontei como o uso da camisa da CBF pelos fascistas construiu uma imagem de vergonha aos símbolos pátrios brasileiros.

Também demonstrei que essas capturas dos símbolos nacionais por setores conservadores fizeram com que o sentimento de nação expresso no futebol se reconfigurasse, o que por sua vez deu outro valor ao futebol feminino.

A proposta apresentada aqui foi demonstrar como que o campo esportivo é permeado pelo político no que diz respeito aos pertencimentos nacionais bem como os discursos identitários. Se em um primeiro momento o futebol não poderia ser praticado pelas mulheres pelo discurso médico em que tal esporte era prejudicial a saúde reprodutiva da mulher e também por esse esporte deixar seus corpos masculinizados, estes tabus foram revistos pela sociedade e reclassificados. Em 2019, a ideia da jogadora lésbica, não caiu por terra, no entanto ganhou o significado político de visibilidade de uma minoria identitária. Esse movimento por sua vez, dentro da polarização torna o futebol praticado por mulheres como uma bandeira a ser levantada na sociedade brasileira pelo polo progressista.

## **Referências bibliográficas.**

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na idade média e no renascimento. O contexto de François Rabelais. Brasília: Editora UnB, 1996.

BORRA, E.; RIEDER, B. Programmed Method. Developing a Toolset for Capturing and Analyzing Tweets. *Aslib Journal of Information Management*, v. 66, n. 3, p. 262-278, 2014. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/doi/pdfplus/10.1108/AJIM-09-2013-0094>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

CHENEY-LIPPOLD, John. “A New Algorithmic Identity: Soft Biopolitics and the Modulation of Control”, *Theory, Culture & Society* vol 28(6): 164-181. 2011

DARIDO, Suraya. *Cristina Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica*. 2002. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n2/Darido.pdf>

- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. “Algumas Formas de Classificação Primitiva”. [1903] In: Mauss, Marcel. *Ensaio de Sociologia* São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 399-456
- FRAZER, James. *La rama dorada. Magia y religión*. Caps. III e IV. México: Fondo de Cultura Económica, 1981,
- Guedes, Simoni Lahud *Futebol brasileiro: instituição zero*. Dissertação. Mestrado em Antropologia. Museu Nacional, UFRJ. (1977)
- \_\_\_\_\_ “O Brasil nas Copas do Mundo: tempo suspenso e história”. In: Aquinate, Niterói, v. 3, (p.163-172). (2006)
- \_\_\_\_\_ (2014a) “A produção das diferenças na produção dos “estilos de jogo” no futebol: a propósito de um texto fundador”. In: Holanda, Bernardo Buarque & Burlamaqui, Luiz Guilherme (orgs.). *Desvendando o jogo: nova luz sobre o futebol*. Niterói: Eduff, (p. 153-172).
- \_\_\_\_\_ (2014b) “Los europeos del fútbol brasileño o como la pátria de chuteiras enfrenta a amenaza do mercado”. In: *Naciones en campo: fútbol, identidades y nacionalismo en America Latina*. Bogotá: Kineisis.
- \_\_\_\_\_ (2014c). “A dádiva e os diálogos identitários através das Copas do Mundo no Brasil”. In: CAMPOS, Flávio de & ALFONSI, Daniela (orgs). *Futebol, objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya,(p.57-70).
- \_\_\_\_\_ (1997) Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol. Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: Eduf
- \_\_\_\_\_ *O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais*. 2019
- \_\_\_\_\_ e Gastaldo, Édison (orgs). *Nações em campo. Copas do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto. (2006)
- GLUCKMAN, Max. *Rituais de rebelião no sudeste da África*. Série Tradução. UnB: DAN, 2011.

HOBSBAWN, Eric J . Nações e Nacionalismo desde 1780. Rio de Janeiro: Paz e Terra.  
1990

LUZ, Milton. A história dos símbolos nacionais: a bandeira, o brasão, o selo, o hino.

Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 1999 (1ª edição).

Reimpressão. 2005

SALGADO, Tiago. Olimpíadas Rio 2016 [recurso eletrônico]: mídia, política, humor  
Orgs Joana Ziller, Carlos D'Andréa. – Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2017.

TURNER, Victor. *O processo ritual. Estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Editora  
Vozes, 1974.

\_\_\_\_\_. *The anthropology of performance*. New York: Paj Publications,  
1988.

ZILLER, Joana, Olimpíadas Rio 2016 [recurso eletrônico]: mídia, política, humor Orgs  
Joana Ziller, Carlos D'Andréa. – Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2017.

## **GRÁFICOS DAS HASHTAGS**

### Popularity Trend

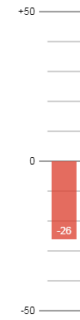
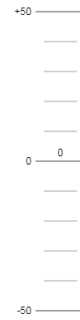
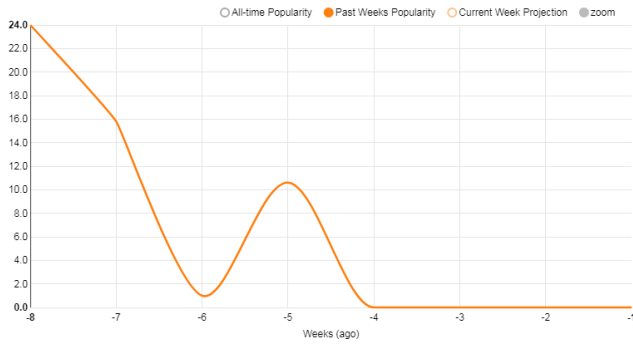
SINGLE COMPARE

Last 2 months:



1 Week Trend

1 Month Trend



### Top 6 Languages Used



97% Portuguese  
3%

### Spelling Variants Used



TRY IT NOW

### Popularity Trend

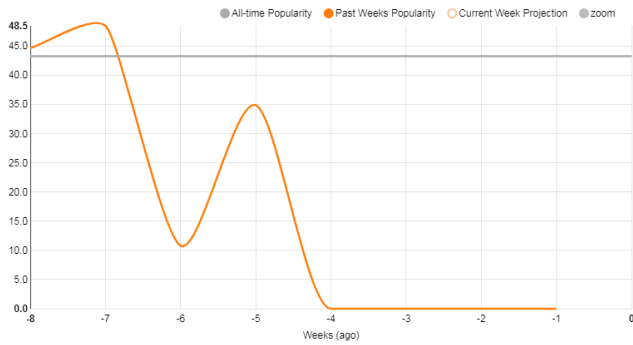
SINGLE COMPARE

Last 2 months:



1 Week Trend

1 Month Trend



### Top 6 Languages Used



94%

### Spelling Variants Used



92%

TRY IT NOW